

Profissionalização política, processo seletivo e recursos partidários: uma análise da percepção dos candidatos do PT, PMDB, PSDB e DEM nas eleições para Deputado Federal de 2010

Luciana Fernandes Veiga (ufpr)

Renato Monseff Perissinotto (ufpr, nusp)

working papers/textos para discussão

▪ volume 1 ▪ número 5 ▪ julho, 2012



Observatório de Elites
Políticas e Sociais do Brasil



Copyright© 2012
observatory of brazilian political and social elites
núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira (nusp)

working papers series/coleção textos para discussão

editores: Adriano Codato (ufpr) ▪ Renato M. Perissinotto (ufpr) ▪ Paulo Roberto Neves Costa

observatório de elites políticas e sociais do brasil

universidade federal do paraná – ufpr
núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira – nusp
rua general carneiro, 460 sala 908
80060-100, curitiba – pr – brasil
Tel. + 55 (41)33605098 | Fax + 55 (41)33605093

E-mail: uelites@gmail.com ▪ URL: <http://observatory-elites.org/>

One of the purposes of the observatory of elites is to condense knowledge and aggregate scholars in this field of study in Brazil through the sharing of information.

Rights and Permissions

All rights reserved.

The text and data in this publication may be reproduced as long as the source is cited.
Reproductions for commercial purposes are forbidden.

The **observatory of brazilian political and social elites** disseminates the findings of its work in progress to encourage the exchange of ideas. The papers are signed by the authors and should be cited accordingly. The findings, interpretations, and conclusions that they express are those of the authors and not necessarily those of the **observatory of brazilian political and social elites**.

Working Papers are available online at <http://observatory-elites.org/> and subscriptions can be requested by email to uelites@gmail.com .

ISSN On line

Luciana Fernandes Veiga

Possui mestrado e doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (2001). É professora adjunta da Universidade Federal do Paraná, atuando no curso de graduação em Ciências Sociais, no curso de Mestrado em Ciência Política e no programa de Doutorado em Sociologia. É pesquisadora colaboradora do Laboratório de Comunicação Política e Opinião Pública do IESP. Coordenadora do curso de Mestrado em Ciência Política da UFPR (2011 a 2013) e Secretária adjunta (2010-2012) da Diretoria da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), após ser membro do conselho fiscal (2008-2010) da mesma Associação. Presidente da Associação Brasileira de Comunicação Política (2011-2013). Vice-coordenadora do Grupo de Trabalho “Partidos e Sistemas Partidários” da Anpocs (2007 a 2011). Visiting Scholar em York University (2010). Tem experiência e artigos publicados na área de Ciência Política, com ênfase em comportamento político, atuando principalmente nos seguintes temas: comportamento político, opinião pública, políticas públicas, partidos políticos, e pesquisa qualitativa.

Renato Monseff Perissinotto

Concluiu o doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas em 1997. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Paraná. É coeditor da **Revista de Sociologia e Política** e coordenador do Núcleo de Pesquisa em Sociologia Política Brasileira (UFPR). É professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma universidade. Pesquisa e publica fundamentalmente na área de sociologia política das elites (recrutamento político-partidário, perfil das elites políticas e estatais, relação entre elites e decisão política). Entre 2011-2012 fez o seu pós-doutorado no Latin American Centre, na Oxford University, como Visiting Researcher, com bolsa do CNPq, quando desenvolveu projeto de pesquisa sobre elites estatais e industrialização no Brasil e na Argentina entre 1930 e 1966.

Apresentação¹

O surgimento e a consolidação das democracias representativas ao longo dos séculos XIX e XX produziram o importante fenômeno da “profissionalização política”, isto é, o surgimento de um grupo de pessoas assalariadas integral e permanentemente dedicadas à atividade política². Desde então, esse processo tornou-se um tema clássico e recorrente na Ciência Política e, em termos gerais, foi estudado a partir de duas perspectivas analíticas diferentes, porém relacionadas.

De um lado, alguns pesquisadores procuraram analisar o processo de produção dos políticos profissionais como o resultado da autonomização do próprio campo político, como Pierre Bourdieu (1989), ou, o que parece significar a mesma coisa, como fruto da especialização funcional das instituições políticas, como Nelson Polsby (2008). Um sinal inequívoco dessa autonomização/especialização funcional seria o surgimento de um processo de recrutamento especializado, capaz de produzir uma clara diferenciação entre os agentes portadores dos atributos necessários ao exercício da função política, os profissionais, e os amadores (os “profanos”), produzindo a exclusão destes últimos.

De outro lado, outros estudiosos se perguntavam acerca dos efeitos comportamentais que esse processo de profissionalização produziria na política, em geral, e na democracia, em particular. Desse ponto de vista, inicialmente, como bem mostra Dominique Damamme (1999), a profissionalização política é analisada de uma perspectiva essencialmente normativa, sendo vista como algo deletério tanto à direita quanto à esquerda do espectro ideológico. Para a direita, o político profissional era um agente que degradava o nobre ofício da função política, transformando uma atividade supostamente desinteressada em mera fonte de sobrevivência; para a esquerda, era necessário denunciar o processo inevitável de “aburguesamento” pelo qual passaria o representante da classe operária uma vez transformado em político profissional. Tanto num caso como no outro, a crítica direcionava-se ao fato de a profissionalização gerar um agente político portador de interesses próprios, o que poderia deturpar a relação de representação entre ele e seus eleitores e degradar a atividade política. No entanto, essa perspectiva normativa se enfraqueceu e aquilo que era visto inicialmente como algo negativo, foi tomado pela Ciência Política contemporânea como o resultado inexorável das modernas democracias

¹ O presente texto é fruto de uma pesquisa realizada em cinco estados da federação: Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe e Pará. A coleta dos dados seria impossível sem a participação das seguintes pessoas e instituições: Prof. Emerson Cervi (PPGCP-UFPR) e Sandra Avi dos Santos (PPGCP-UFPR), Profa. Maria do Socorro Braga e Bruno Bolognesi (PPGCP-UFSC), Prof. Flavio Heinz (PPGHPUCRS), Prof. Wilson de Oliveira e Prof. Ernesto Seidl (PPGS-UFSE) e Profa. Luzia Álvares(PPGCPUFPA).Agradecimento também a Jaqueline Borges, graduanda do curso de Ciências Sociais da UFPR e bolsista de Iniciação Científica CNPq/PIBIC pela organização do banco.

² Sobre a definição de “profissionalização política” ver Offerlé, 1999, p. 11-15.

representativas. A partir de então, os políticos profissionais, independente de sua posição ideológica, são predominantemente entendidos como agentes racionais, portadores de interesses próprios, cujas estratégias estão a serviço da maximização dos seus objetivos enquanto profissionais da política. tomado pela Ciência Política contemporânea como o resultado inexorável das modernas democracias representativas. A partir de então, os políticos profissionais, independente de sua posição ideológica, são predominantemente entendidos como agentes racionais, portadores de interesses próprios, cujas estratégias estão a serviço da maximização dos seus objetivos enquanto profissionais da política.

No Brasil, porém, poucos analistas têm se dedicado à análise da profissionalização da política, de suas condições e dos seus efeitos. Alguns pesquisadores, no entanto, começaram a produzir análises a respeito do assunto conferindo ênfase especial à relação entre profissionalização política e partidos políticos (Marengo dos Santos, 1997; Perissinotto e Miríade, 2009; Rodrigues, 2006). Essa relação tende a ser particularmente significativa no Brasil, uma vez que, neste país, o pertencimento a um partido político é condição *sine qua non* para que um indivíduo entre de fato na vida política e participe da competição eleitoral. Nesse sentido, é lícito supor que é dentro dos partidos políticos onde se pode primeiramente favorecer ou criar obstáculos ao processo de profissionalização da política e onde primeiro pode se sentir os efeitos da sua presença ou de sua ausência. Este artigo pretende exatamente analisar a profissionalização política e seus efeitos nos casos de candidatos de quatro partidos brasileiros – o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o Partido da Socialdemocracia Brasileira (PSDB) e o Democratas (DEM) – tendo como objeto de análise os candidatos à deputação federal por esses partidos nas eleições de 2010.

O artigo tem dois objetivos. O primeiro deles, essencialmente descritivo, é responder duas questões: (i) é possível identificar a existência de “profissionais da política” entre os candidatos a deputado federal nos partidos analisados?; (ii) há diferenças quanto a esse ponto quando comparamos os diferentes blocos de partidos, isto é, partidos de centro-esquerda e partidos de centro-direita? O segundo objetivo, essencialmente analítico, é responder outras duas questões: (i) a ocorrência de um número significativo de políticos profissionais nesse processo, caso ocorra, se relaciona em alguma medida com a percepção que os entrevistados têm acerca do processo de seleção de candidatos e com a distribuição de recursos organizacionais nos seus partidos?; (ii) essa relação, caso ocorra, difere de bloco partidário de centro-esquerda para bloco partidário de centro-direita?

O artigo está dividido em cinco partes: na primeira, apresentamos a nossa definição conceitual e como ela determinou a construção do nosso índice de profissionalização política, além de apresentarmos o desenho geral da pesquisa; na segunda parte, analisamos a presença do fenômeno da profissionalização política entre os candidatos a deputado federal entrevistados e averiguamos se essa presença se diferencia em função do perfil ideológico dos

partidos; na terceira parte, procuramos saber se há alguma relação entre os candidatos mais e menos profissionalizados quanto à sua percepção acerca do processo seletivo e se há diferenças quanto a isso no que diz respeito aos blocos ideológicos; na quarta parte, analisamos as eventuais relações entre a percepção que os candidatos mais e menos profissionalizados têm sobre a distribuição dos recursos organizacionais dentro dos partidos e, novamente, se há diferença quanto a esse ponto entre os blocos ideológicos; por fim, a título de conclusão, faremos algumas considerações finais sobre os nossos achados.

I. Definição conceitual e descrição da pesquisa

Nesse texto, utilizamos a definição de “profissionalização política” formulada por Czudnowski (1975, p. 167-68), de clara inspiração weberiana, para quem há dois limites que, se ultrapassados, permitem indicar o “recrutamento inicial” em direção à profissionalização política: a) a passagem da participação política ocasional para a participação política contínua e b) a passagem da dedicação parcial à política para a dedicação integral. Quando essas duas passagens ocorrem, a tendência é que a política se torne a única fonte de remuneração do agente.³

Utilizando esses critérios teóricos, elaboramos um índice de profissionalização política a partir de cinco questões do nosso questionário⁴. Esse índice, denominado por nós de “índice de tempo dedicação à atividade política”, pode mudar de 3 a 13 pontos e identifica as seguintes variações: baixo (de 3 a 6 pontos), médio (de 7 a 9), alto (de 10 a 13). Nosso artigo, como dissemos anteriormente, pretende avaliar a existência de correlações significativas entre esse índice e as variáveis referentes à percepção dos entrevistados acerca do processo seletivo e da distribuição de recursos organizacionais dentro de seus partidos.

A pesquisa baseia-se na aplicação de um questionário fechado a 120 candidatos a deputado federal nas eleições de 2010 dos seguintes partidos políticos: PT (30 casos), PMDB (30 casos), PSDB (30 casos) e DEM (30 casos).

³ Duas observações são importantes aqui. Primeiro, a profissionalização política apenas indica que alguns indivíduos têm na política uma fonte de remuneração. Esse critério econômico, porém, nada diz sobre as crenças e disposições daquele que exerce a política como atividade remunerada. O indivíduo que vive da política pode, tanto quanto aquele que vive para a política, ter crenças e convicções sinceras. Em segundo lugar, a profissionalização indica que alguns indivíduos, além de terem na política uma fonte de remuneração, tendem a se dedicar a ela continuada e integralmente. Esse critério temporal - continuidade/regime de dedicação - permite-nos diferenciar o “político ocasional” daquele que exerce a política como profissão secundária e, por fim, daquele que tem na política a sua única profissão. Nesse sentido, o “político profissional” é um tipo ideal de agente que se dedica continuada e integralmente apenas à política e tem nela a sua única fonte de remuneração. Cf. Weber, 1993, p. 63 e 65.

⁴ As questões utilizadas para a elaboração do índice foram as seguintes: “O senhor se dedica à atividade política em tempo integral?”; “O senhor poderia nos dizer, quanto tempo em média dedica às atividades político-partidárias no período de um mês?”; “Quantos cargos políticos foram ocupados antes da atual candidatura?”; “O senhor poderia nos dizer desde quando o senhor é filiado a este partido?”

A coleta desses dados foi feita nos seguintes estados da Federação: Pará (16 casos, 13,3% do total), Sergipe (9 casos, 7,5%), São Paulo (39 casos, 32,5%), Rio de Janeiro (13 casos, 10,8%), Paraná (21 casos, 17,5%) e Rio Grande do Sul (22 casos, 18,3%). Como se percebe, a extrema desigualdade na coleta de dados quanto às regiões inviabiliza analisar os dados coletados a partir dessa variável. Por essa razão, decidimos, neste artigo, analisar o problema enunciado anteriormente tendo como referência apenas a totalidade dos candidatos e os blocos partidários de centro-esquerda (PT e PMDB, 60 casos) e centro-direita (PSDB e DEM, 60 casos).

II. Profissionalização política e bloco ideológico

Vejamus inicialmente como se dá a distribuição de indivíduos no que diz respeito à escala de tempo de dedicação à atividade política. Os dados podem ser vistos na tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Tempo de dedicação à política

		N	%	% válida	% acumulada
Valid	Baixo	41	34,2	39,8	39,8
	Médio	32	26,7	31,1	70,9
	Alto	30	25,0	29,1	100,0
	Total	103	85,8	100,0	
Missing System		17	14,2		
Total		120	100,0		

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

A distribuição dos entrevistados é razoavelmente favorável para aqueles com baixo tempo de dedicação à atividade política (39,8%), em detrimento dos que destinam alto tempo à atividade (29,1%). Por sua vez, 31,1% dos respondentes se situam entre aqueles que dedicam um tempo médio à atividade política. Assim, no universo analisado, a profissionalização da atividade política

não é uma realidade inequívoca, mas tampouco se constitui num fato numericamente desprezível.

Mediante a distribuição dos entrevistados na escala de tempo de dedicação à atividade política por bloco partidário ideológico, constata-se que – tanto no segmento de centro-esquerda quanto no segmento de centro-direita – tal classificação é razoavelmente favorável para os candidatos que dedicam pouco tempo à atividade. No entanto, esta tendência é mais acentuada nos candidatos do bloco de centro-direita do que dentre os de centro-esquerda. No bloco de candidatos de centro-direita, a diferença entre a porcentagem de políticos que dispensam pouco tempo com a atividade política e aqueles que destinam muito tempo resulta em 12% e no caso dos candidatos de centro-esquerda tal operação resulta em 9,4%.

Tabela 2 - Tempo de dedicação à política por bloco partidário/ideológico

Bloco partidário			N	%	% válida	% acumulada
centro-esquerda	Valid	Baixo	20	33,3	37,7	37,7
		Médio	18	30,0	34,0	71,7
		Alto	15	25,0	28,3	100,0
		Total	53	88,3	100,0	
	Missing System	7	11,7			
centro-direita	Valid	Baixo	21	35,0	42,0	42,0
		Médio	14	23,3	28,0	70,0
		Alto	15	25,0	30,0	100,0
		Total	50	83,3	100,0	
	Missing System	10	16,7			
	Total	60	100,0			

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

III. Profissionalização política, processo seletivo e blocos ideológicos

Vejamos inicialmente em que medida aparece, nos nossos dados, alguma diferença entre as percepções que profissionais e políticos ocasionais têm acerca do funcionamento do processo seletivo dentro dos seus partidos. Em seguida, veremos como tais diferenças se manifestam, se de fato existirem, no interior dos blocos ideológicos analisador por nós.

Para discutir a diferença de percepção entre profissionais (com alto tempo de dedicação à atividade política) e políticos ocasionais (com baixo tempo de dedicação à atividade política) acerca da natureza do processo seletivo de candidatos dentro dos seus partidos, será cruzada a variável “índice de tempo de dedicação à política” com várias outras questões diretamente destinadas a

captar a percepção do candidato acerca da natureza do processo seletivo dentro do seu partido.

Para avaliar a natureza do processo seletivo, utilizamo-nos de perguntas do questionário relacionadas às características que eles julgam ser importantes para compor a lista partidária e para poder vencer a disputa eleitoral; utilizamos ainda questões referentes ao grau de participação e envolvimento dos diversos membros partidários no processo de composição da lista⁵.

O cruzamento do índice de tempo de dedicação à política com a percepção de que características os candidatos consideram importantes para compor a lista de deputados mostrou-se significativo com $p=0,032$ para o coeficiente de contingência (coeficiente de 0,478).

Nas respostas dos entrevistados, houve coerência entre o que consideram uma determinada prioridade para compor a lista de candidatos e o seu tempo de dedicação à política. Aqueles que se dedicam mais à política percebem como prioritário para tal objetivo: “possuir boa densidade eleitoral” (26,7%), “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” (20%), “possuir bom trânsito no partido” (16,7%) e “firmeza ideológica” (16,7%). Já aqueles que menos se dedicam à política tendem a valorizar mais a sua imagem fora da vida política para compor a lista partidária do que o grupo analisado anteriormente, o que soa bastante pertinente: “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” (31,7%), “possuir bom trânsito no partido” (17,1%), “apoio de movimentos sociais e de base” (14,6%), e “conhecimento sobre o funcionamento da “política” (14,6%). Registra-se ainda que os políticos ocasionais tendem a anular o peso de “possuir boa densidade eleitoral”, principal aspecto na opinião dos políticos profissionais.

⁵ V.17.a Qual é a primeira das principais características que o senhor julga serem as mais importantes para ser candidato a Deputado Federal?, V.18.a O senhor poderia nos dizer qual a primeira das características que o senhor avalia como mais importantes para ser eleito Deputado Federal?, V.19.a Sobre o processo de seleção de candidatos em seu partido, o senhor diria que o mesmo é: democrático, competitivo, hierárquico, burocrático, centralizado, descentralizado.

Tabela 3 - Principal característica para ser candidato a Deputado Federal por Índice de Tempo de Dedicção à Atividade Política

V.17.a Qual é a primeira das principais características que o senhor julga serem as mais importantes para ser candidato a Deputado Federal?	Índice				
		Baixo	Médio	Alto	Total
Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	6	6	1	13
	%	14,6%	18,8%	3,3%	12,6%
Recursos financeiros próprios	N	3	3	1	7
	%	7,3%	9,4%	3,3%	6,8%
Domínio da oratória e retórica política	N	1	1	1	3
	%	2,4%	3,1%	3,3%	2,9%
Possuir bom trânsito no partido	N	7	0	5	12
	%	17,1%	,0%	16,7%	11,7%
Possuir boa densidade eleitoral	N	0	3	8	11
	%	,0%	9,4%	26,7%	10,7%
Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	13	6	6	25
	%	31,7%	18,8%	20,0%	24,3%
Firmeza ideológica	N	2	7	5	14
	%	4,9%	21,9%	16,7%	13,6%
Apoio de movimentos sociais e de base	N	6	3	2	11
	%	14,6%	9,4%	6,7%	10,7%
Disponibilidade (tempo)	N	3	2	1	6
	%	7,3%	6,3%	3,3%	5,8%
Outros	N	0	1	0	1
	%	,0%	3,1%	,0%	1,0%
Total	N	41	32	30	103
	%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010** (N USP-UFPR)

No que tange ao cruzamento do índice de tempo de dedicação à atividade política com a percepção de que características os candidatos consideram importante para se eleger deputado, ele se mostrou significativo com $\text{sig} = 0,004$ para o coeficiente de contingência (coeficiente 0,520). Repete-se aqui a tendência verificada na análise anterior. Isto é, os candidatos que mais se dedicam à política tendem a valorizar mais o peso de “possuir boa densidade eleitoral” (26,7%) do que os candidatos que menos se dedicam à política, dentre os quais apenas 9,8% veem esse mesmo aspecto como uma prioridade para vencer a disputa eleitoral. Ambos os grupos valorizam igualmente a boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política (26,7%). Cabe destacar que, para os políticos mais profissionais, “firmeza ideológica” é importante para compor a lista partidária, mas não para ser eleito.

Tabela 4 - Principal característica para ser eleito Deputado Federal por Índice de Tempo de Dedicção à Atividade Política

V.18.a O senhor poderia nos dizer qual a primeira das características que o senhor avalia como mais importantes para ser eleito Deputado Federal?	Índice				
		Baixo	Médio	Alto	Total
Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	7	6	2	15
	%	17,1%	18,8%	6,7%	14,6%
Recursos financeiros próprios	N	7	4	4	15
	%	17,1%	12,5%	13,3%	14,6%
Domínio da oratória e retórica política	N	0	1	0	1
	%	,0%	3,1%	,0%	1,0%
Possuir bom trânsito no partido	N	7	0	0	7
	%	17,1%	,0%	,0%	6,8%
Possuir boa densidade eleitoral	N	4	7	8	19
	%	9,8%	21,9%	26,7%	18,4%
Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	10	5	8	23
	%	24,4%	15,6%	26,7%	22,3%
Firmeza ideológica	N	2	7	0	9
	%	4,9%	21,9%	,0%	8,7%
Apoio de movimentos sociais e de base	N	1	1	5	7
	%	2,4%	3,1%	16,7%	6,8%
Disponibilidade (tempo)	N	3	0	2	5
	%	7,3%	,0%	6,7%	4,9%
Outros	N	0	1	1	2
	%	,0%	3,1%	3,3%	1,9%
Total	N	41	32	30	103
	%	100	100	100	100

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

Quando analisamos as atitudes dos candidatos por blocos ideológicos, o cruzamento do índice de tempo de dedicação à política com a percepção de que características os candidatos consideram importantes para compor a lista de deputados mostrou-se significativo com $p=0,037$ para o coeficiente de contingência para o bloco 11 de centro-esquerda (com coeficiente de 0,601) e para o segmento de centro-direita (coeficiente de 0,595).

A partir dos quadros abaixo, verifica-se que a maior diferença entre os políticos ocasionais e os políticos mais profissionais intrabloco de centro-esquerda é a tendência dos primeiros anularem o peso de “possuir boa densidade eleitoral”, enquanto esta é tida como a característica mais importante

para compor a lista por 20% dos políticos do segundo grupo. Também a importância da “firmeza ideológica” é minimizada pelos políticos ocasionais. Já “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” é mais reconhecida como uma prioridade entre estes do que entre os políticos profissionais. A avaliação feita pelos políticos mais ocasionais e mais profissionais intrabloco de centro-direita segue esta mesma tendência, que por sua vez, se aproxima também daquela identificada no total dos casos.

Mas é uma marca dos políticos ocasionais do bloco de centro-esquerda o destacado peso dado para o “apoio de movimentos sociais e de base” (20%) para compor a lista partidária. Assim como é bastante marcante dentre os políticos ocasionais do bloco de centro-direita a importância dada aos aspectos: “conhecimento sobre o funcionamento da política”(23,8%) e “recursos financeiros próprios”(14,3%).

Firmeza ideológica (26,7%) e possuir densidade eleitoral (20%) foram as principais variáveis para constar na lista partidária apontadas pelos políticos mais profissionais de centro-esquerda. “Possuir boa densidade eleitoral” (33,3%), “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” e “possuir bom trânsito no partido” (26,7%) foram aquelas mais destacadas pelos políticos profissionais de centro-direita.

Tabela 5 – Principal característica para ser candidato a Deputado Federal por Índice de Tempo de Dedicção à Atividade Política. (por bloco ideológico)

Bloco partidário	V.17.a Qual é a primeira das principais características que o senhor julga serem as mais importantes para ser candidato a Deputado Federal?	Índice				
			Baixo	Medio	Alto	Total
centro-esquerda	Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	1	5	1	7
		%	5,0%	27,8%	6,7%	13,2%
	Recursos financeiros próprios	N	0	2	1	3
		%	,0%	11,1%	6,7%	5,7%
	Domínio da oratória e retórica política	N	1	0	1	2
		%	5,0%	0%	6,7%	3,8%
	Possuir bom trânsito no partido	N	6	0	1	7
		%	30,0%	,0%	6,7%	13,2%
	Possuir boa densidade eleitoral	N	0	0	3	3
%		,0%	,0%	20,0%	5,7%	
Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	5	2	1	8	
	%	25,0%	11,1%	6,7%	15,1%	
Firmeza ideológica	N	1	4	4	9	
	%	5,0%	22,2%	26,7%	17,0%	
Apoio de	N	4	2	2	8	
	%	20,0%	11,1%	11,1%	22,2%	

		movimentos sociais e de base	%	20,0%	11,1%	13,3%	15,1%
		Disponibilidade (tempo)	N	2	2	1	5
			%	10,0%	11,1%	6,7%	9,4%
		Outras	N	0	1	0	1
			%	,0%	5,6%	,0%	1,9%
		Total	N	20	18	15	53
			%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
centro-direita	V.17.a Qual é a primeira das principais características que o senhor julga serem as mais importantes para ser candidato a Deputado Federal?	Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	5	1	0	6
			%	23,8%	7,1%	,0%	12,0%
		Recursos financeiros próprios	N	3	1	0	4
			%	14,3%	7,1%	,0%	8,0%
		Domínio da oratória e retórica política	N	0	1	0	1
			%	,0%	7,1%	,0%	2,0%
		Possuir bom trânsito no partido	N	1	0	4	5
			%	4,8%	,0%	26,7%	10,0%
		Possuir boa densidade eleitoral	N	0	3	5	8
			%	,0%	21,4%	33,3%	16,0%
		Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	8	4	5	17
			%	38,1%	28,6%	33,3%	34,0%
		Firmeza ideológica	N	1	3	1	5
			%	4,8%	21,4%	6,7%	10,0%
		Apoio de movimentos sociais e de base	N	2	1	0	3
			%	9,5%	7,1%	,0%	6,0%
Disponibilidade (tempo)	N	1	0	0	1		
	%	4,8%	,0%	,0%	2,0%		
		Total	N	21	14	15	50
			%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

No que tange à análise dos blocos ideológicos a partir do cruzamento do índice de tempo de dedicação à atividade política com a percepção de que características os candidatos consideram importantes para vencer a disputa para deputado federal, constata-se $p=0,004$ para coeficiente de contingência para o bloco de centro-esquerda (coeficiente 0,631) e o $p=0,044$ de coeficiente de contingência para o bloco de centro-direita (coeficiente 0,571).

Para os políticos ocasionais do bloco centro-esquerda, a principal característica para ser eleito deputado é “possuir bom trânsito no partido” (35%) seguida de “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” (20%). Para os políticos mais profissionais de centro-esquerda, as principais características para ser eleito são: “recursos financeiros próprios” (26,7%), “possuir boa densidade eleitoral” (26,7%) e “apoio de movimentos sociais e de base” (26,7%).

Já os políticos ocasionais de centro-direita apontaram como principais características para serem eleitos: “Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” (28,6%), “conhecimento sobre o funcionamento da política” (23,8%) “recursos financeiros próprios” (23,8%). Os políticos profissionais deste mesmo grupo apontam para a importância de “possuir boa densidade eleitoral” (26,7%) e “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” (46,7%).

Tabela 6 - Principal característica para ser eleito deputado federal por índice de tempo de dedicação à atividade política (por bloco ideológico)

Bloco partidário	V.18.a O senhor poderia nos dizer qual a primeira das características que o senhor avalia como mais importantes para ser eleito Deputado Federal?	Índice				
			Baixo	Médio	Alto	Total
centro-esquerda	Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	2	6	1	9
		%	10,0%	33,3%	6,7%	17,0%
	Recursos financeiros próprios	N	2	2	4	8
		%	10,0%	11,1%	26,7%	15,1%
	Possuir bom trânsito no partido	N	7	0	0	7
		%	35,0%	,0%	,0%	13,2%
	Possuir boa densidade eleitoral	N	2	3	4	9
		%	10,0%	16,7%	26,7%	17,0%
	Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	4	2	1	7
		%	20,0%	11,1%	6,7%	13,2%
	Firmeza ideológica	N	1	3	0	4
		%	5,0%	16,7%	,0%	7,5%
	Apoio de movimentos sociais e de base	N	0	1	4	5
%		,0%	5,6%	26,7%	9,4%	
Disponibilidade (tempo)	N	2	0	0	2	
	%	10,0%	,0%	,0%	3,8%	
Outras	N	0	1	1	2	
	%	,0%	5,6%	6,7%	3,8%	
Total	N	20	18	15	53	
	%	100%	100%	100%	100%	

centro-direita	V.17.a Qual é a primeira das principais características que o senhor julga serem as mais importantes para ser candidato a Deputado Federal?					
		N	5	0	1	6
	Conhecimento sobre o funcionamento da "política"	N	5	0	1	6
		%	23,8%	,0%	6,7%	12,0%
	Recursos financeiros próprios	N	5	2	0	7
		%	23,8%	14,3%	,0%	14,0%
	Domínio da oratória e retórica política	N	0	1	0	1
		%	,0%	7,1%	,0%	2,0%
	Possuir boa densidade eleitoral	N	2	4	4	10
		%	9,5%	28,6%	26,7%	20,0%
	Boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política	N	6	3	7	16
		%	28,6%	21,4%	46,7%	32,0%
	Firmeza ideológica	N	1	4	0	5
		%	4,8%	28,6%	,0%	10,0%
	Apoio de movimentos sociais e de base	N	1	0	1	2
		%	4,8%	,0%	6,7%	4,0%
	Disponibilidade (tempo)	N	1	0	2	3
		%	4,8%	,0%	13,3%	6,0%
	Total	N	21	14	15	50
		%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

Por fim, o cruzamento entre o índice de tempo de dedicação à atividade política com questões referentes ao grau de participação e envolvimento dos diversos membros partidários no processo de composição da lista não demonstraram significância estatística mediante o teste de correlação – coeficiente de contingência -, o que nos permite afirmar que o tempo de dedicação à política não afetava a percepção dos candidatos se o processo de recrutamento era mais ou menos centralizado, burocrático ou hierárquico.

Para concluir, verifica-se que a principal diferença entre os grupos de profissionais e ocasionais é o valor que os primeiros dão ao fator “possuir boa densidade eleitoral” em contraposição à percepção dos candidatos ocasionais, que tendem a enfatizar mais a importância do aspecto “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política” no que se refere à importância para compor a lista partidária. Avaliações sintonizadas com suas estratégias de dedicar-se mais ou menos tempo à política.

IV. Profissionalização política, recursos partidários e blocos ideológicos

Buscamos ainda avaliar a existência de correlações significativas entre o índice e as variáveis referentes à percepção dos entrevistados acerca da distribuição de recursos organizacionais dentro de seus partidos.

Quando perguntamos aos candidatos o tipo de apoio que eles esperam do partido foi possível verificar que as principais demandas recaem sobre: espaço no horário eleitoral gratuito (35%), material de campanha (24,3%) e recursos financeiros (12,6%). Como o cruzamento não se revelou estatisticamente significativo ($p=0,374$ para coeficiente de contingência) não podemos afirmar tendências específicas de comportamento para os grupos de políticos. A distribuição das demandas ocorre a despeito do índice de dedicação

Tabela 7 - Que tipo de apoio obteve ou espera obter de seu partido para campanha eleitoral por Índice de Tempo de Dedicção à Atividade Política

		Índice				
		Baixo	Médio	Alto	Total	
V.29.a O senhor poderia nos dizer qual tipo de apoio obteve ou espera obter de seu partido para campanha eleitoral?	Recurso financeiro	N	7	5	1	13
		%	17,1%	15,6%	3,3%	12,6%
	Material de campanha	N	12	9	4	25
		%	29,3%	28,1%	13,3%	24,3%
	Espaço no horário eleitoral gratuito	N	14	10	12	36
		%	34,1%	31,3%	40,0%	35,0%
	Apoio da militância	N	2	4	4	10
		%	4,9%	12,5%	13,3%	9,7%
	Apoio político de parlamentar ou líderes de partido	N	3	2	6	11
		%	7,3%	6,3%	20,0%	10,7%
Desfrutar do programa do partido	N	1	1	2	4	
	%	2,4%	3,1%	6,7%	3,9%	
Desfrutar do prestígio do partido	N	0	1	0	1	
	%	,0%	3,1%	,0%	1,0%	
Não espero/Não obtive apoio	N	2	0	1	3	
	%	4,9%	,0%	3,3%	2,9%	
Total	N	41	32	30	103	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

Assim como para a totalidade dos casos, o cruzamento entre a expectativa de apoio partidário e índice de tempo de dedicação à atividade política não foi estatisticamente significativo quando analisamos os blocos ideológicos, com $p=$

0,314 e $p= 0,495$ para o coeficiente de contingência para o grupo de centro/esquerda e o de centro/direita. Ou seja, o índice de dedicação política não está correlacionado com as expectativas de apoio dos partidos e o pertencimento a um ou outro bloco ideológico também mostrou-se irrelevante neste aspecto, como podemos verificar abaixo.

Tabela 8 - Que tipo de apoio obteve ou espera obter de seu partido para campanha eleitoral por Índice de Tempo de Dedicção à Atividade Política (por bloco ideológico)

Bloco partidário		Índice				
		Baixo	Médio	Alto	Total	
Bloco Centro-esquerda	V.29.a O senhor poderia nos dizer qual tipo de apoio obteve ou espera obter de seu partido para campanha eleitoral?	Recurso financeiro	N 3	3	1	7
			% 15,0%	16,7%	6,7%	13,2%
		Material de campanha	N 7	5	3	15
			% 35,0%	27,8%	20,0%	28,3%
		Espaço no horário eleitoral gratuito	N 6	4	2	12
			% 30,0%	22,2%	13,3%	22,6%
		Apoio da militância	N 2	4	4	10
			% 10,0%	22,2%	26,7%	18,9%
		Apoio político de parlamentar ou líderes de partido	N 0	0	3	3
			% ,0%	,0%	20,0%	5,7%
	Desfrutar do programa do partido	N 1	1	2	4	
		% 5,0%	5,6%	13,3%	7,5%	
	Desfrutar do prestígio do partido	N 0	1	0	1	
		% ,0%	5,6%	,0%	1,9%	
	Não espero/Não obtive apoio	N 1	0	0	1	
		% 5,0%	,0%	,0%	1,9%	
	Total	N 20	18	15	53	
		% 100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
Bloco Centro-direita	V.29.a O senhor poderia nos dizer qual tipo de apoio obteve ou espera obter de seu partido para campanha eleitoral?	Recurso financeiro	N 4	2	0	6
			% 19,0%	14,3%	,0%	12,0%
		Material de campanha	N 5	4	1	10
			% 23,8%	28,6%	6,7%	20,0%
		Espaço no horário eleitoral gratuito	N 8	6	10	24
			% 38,1%	42,9%	66,7%	48,0%
	Apoio político de parlamentar ou líderes de partido	N 3	2	3	8	
		% 14,3%	14,3%	20,0%	16,0%	
	Não espero/Não	N 1	0	1	2	

	obtive apoio	%	4,8%	,0%	6,7%	4,0%
	Total		21	14	15	50
			100%	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados da pesquisa **Seleção de candidatos para Deputado Federal no Brasil nas eleições 2010**(Nusp-UFPR)

Considerações finais

Com este artigo pudemos identificar a existência de “profissionais da política”, constatando-se que 29,1% dos candidatos a Deputado Federal entrevistados dedicavam um tempo alto para a política, embora a taxa de candidatos com baixa dedicação política fosse superior, 39,8% dos entrevistados. No que tange à classificação dos partidos em blocos ideológicos, verifica-se a predominância dos políticos ocasionais sobre os profissionais nas duas esferas. Mas tal tendência é mais acentuada entre os candidatos de bloco centro-direita. No bloco de candidatos de centro-direita, a diferença entre a porcentagem de “políticos ocasionais” e “políticos profissionais” resulta em 12% e no caso dos candidatos de centro/esquerda tal operação resulta em 9,4%.

Políticos profissionais e políticos ocasionais tendem a ter leituras parcialmente distintas sobre que aspectos mais importam na hora de definir a composição da lista e as chances de vitória eleitoral. Aqueles que menos se dedicam à política tendem a valorizar mais a sua imagem fora da vida política para compor a lista partidária do que o grupo que mais se dedica, o que soa bastante pertinente. Registra-se ainda que os políticos mais ocasionais tendem a anular o peso de “possuir boa densidade eleitoral”, principal aspecto na opinião dos políticos profissionais. Os dois grupos conferem pesos distintos também para a importância de “firmeza ideológica”.

Como marca dos políticos ocasionais do bloco de centro-esquerda tem-se o destacado peso dado ao “apoio de movimentos sociais e de base”(20%) enquanto característica importante na inserção do nome na lista partidária. Assim como é bastante distinta a importância para os políticos ocasionais do bloco de centro-direita do Conhecimento sobre o funcionamento da "política"(23,8%) e Recursos financeiros próprios (14,3%). Firmeza ideológica (26,7%) é acentuadamente apontada pelos políticos mais profissionais da centro-esquerda. “Possuir boa densidade eleitoral” (33,3%), “boa reputação pessoal ou prestígio profissional fora da vida política”, e “possuir bom trânsito no partido” (26,7%) foram aquelas mais destacadas pelos políticos profissionais de centro-direita.

O cruzamento entre o índice de tempo de dedicação à atividade política e as questões referentes ao grau de participação e envolvimento dos diversos membros partidários no processo de composição da lista não demonstraram significância estatística mediante o teste de correlação – coeficiente de contingência. Por essa razão, afirmamos que o tempo de dedicação à política

não afetava a percepção dos candidatos quanto ao caráter mais ou menos centralizado, burocrático ou hierárquico do processo de recrutamento.

Sobre o tipo de apoio que eles esperam do partido foi possível verificar que as principais demandas são por: recursos financeiros (12,6%), material de campanha (24,3%) e espaço no horário eleitoral gratuito (35%). De novo, como o cruzamento não se revelou estatisticamente significativo ($p=0,374$ para coeficiente de contingência), não podemos afirmar tendências específicas de comportamento para os grupos de políticos. Estes achados instigam a busca por outros, tais como a leitura do processo de seleção de candidaturas da perspectiva dos recrutadores partidários.

O que podemos sugerir por ora, à guisa de conclusão, são os seguintes pontos:

- 1) É possível dizer que a formação da lista de candidatos dos partidos analisados não é totalmente dominada nem por políticos profissionais nem por políticos ocasionais, o que garante, ao mesmo tempo, certa abertura àqueles que se dedicam ocasionalmente à política e presença significativa de profissionais no processo de seleção de candidatos. Isso, como parece óbvio, tem claras implicações sobre o caráter mais ou menos aberto (mais ou menos democrático) do processo de seleção de candidatos.
- 2) Parece que a profissionalização política induz os agentes a conferirem maior importância aos aspectos internos do jogo político – por exemplo, densidade eleitoral do pretendente ou bom trânsito dentro do partido – e que a não-profissionalização leva o indivíduo a enfatizar seus recursos propriamente pessoais. Isso é bastante intuitivo, já que os políticos ocasionais, mais distantes do jogo eleitoral e da profissionalização, tendem a apostar na conversão do seu capital pessoal em capital político para serem bem sucedidos, ao passo que o profissional aposta menos em fatores dessa natureza.
- 3) O fato de que tanto os políticos profissionais de centro-esquerda quanto os de centro-direita consideram como o mais importante atributo para figurar na lista de candidatos ou para ser eleito deputado federal ter “alta densidade eleitoral” revela que a institucionalização da competição política e a profissionalização dessa atividade tende a uniformizar a percepção desses dois campos ideológicos. Ou seja, políticos profissionais de direita e de esquerda sabem que ter votos é fundamental para a sua carreira política. Seguem-se disso possíveis similaridades nas estratégias políticas dos agentes nos dois campos.
- 4) O fato, porém, de que os mesmos políticos profissionais de ambos os blocos valorizam também coisas diferentes para entrar na lista partidária – “firmeza ideológica”, no caso da esquerda, e “boa reputação pessoal fora da política”, no caso da direita – e para vencer a eleição – “apoio dos movimentos sociais”, no caso da esquerda, e, novamente, “boa reputação pessoal fora da política”, no caso da direita -, revela que a uniformização

produzida pela profissionalização política – “todos precisam vencer eleições” – não apaga totalmente as diferenças entre os dois campos ideológicos, o que também deve produzir importantes consequências para a configuração do processo político. Isto é, esquerda e direita se parecem, mas nem tanto. Do ponto de vista do eleitor, isto é, de sua capacidade de diferenciar os candidatos, isso parece importante.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 1989, pp. 163-208.
- CZUDNOWSKI, Moshe. M. Political Recruitment. **Micropolitical Theory. Handbook of Political Science**. F. I. Greenstein e N. W. Polsby (eds.), vol. 2, Massachusetts, Addison-Wesley Publishing Company, 1975 : 155-242.
- DAMAMME, Dominique. Professionnel de la politique, un métier peu avouable. In: M. Offerlé (org.), **La profession politique (XIXe-XXe siècles)**. Paris, Éditions Belin, 1999 : 37-67.
- MARENCO DOS SANTOS, André. (1997), Nas fronteiras do campo político. Raposas e outsiders no Congresso Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: vol. 33, pp. 87-101.
- OFFERLÉ, Michel. Profession e professions politiques. In: M. Offerlé (org.), **La profession politique (XIXe-XXe siècles)**. Paris, Éditions Belin, 1999 : 7-35.
- PERISSINOTTO, Renato e MIRÍADE, Angel. (2009). Caminhos para o parlamento: candidatos e eleitos nas eleições para Deputado Federal em 2006. **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Vol. 52; nº 2. Rio de Janeiro.
- POLSBY, Nelson. A institucionalização da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n. 30, p. 221-251, jun. 2008.
- WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo, Cultrix, 1993.



working papers/textos para discussão
observatório de elites políticas e sociais do brasil
universidade federal do paraná – ufpr
núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira – nusp
rua general carneiro, 460 sala 904
80060-100, curitiba – pr – brasil
Tel. + 55 (41)33605098 | Fax + 55 (41)33605093

E-mail: uelites@gmail.com ▪ URL: <http://observatory-elites.org/>